

VIVA O 1.º DE MAIO!

À CLASSE OPERÁRIA, AOS TRABALHADORES, AO Povo PORTUGUÊS!

Nas vésperas do 1.º de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores, o Partido Comunista Português saúda calorosamente a classe operária, os assalariados agrícolas, os empregados, os trabalhadores da função pública, os camponeses, a juventude, os estudantes e as mulheres, toda a população lavoriosa de Portugal, todos os que com a vanguarda organizada do proletariado português — o PCP — e em aliança com o MFA contribuíram decisivamente, ao longo de um ano de luta, para defender, consolidar e ampliar as conquistas democráticas do 25 de Abril e desenvolver, a partir do derrubamento do fascismo, um processo revolucionário apontado ao socialismo.

O Partido Comunista Português saúda, também, por ocasião do 1.º de Maio, a classe operária, os trabalhadores e os povos de todos os países, sauda de modo especial os povos das ex-colónias portuguesas, os povos dos países socialistas, os povos que se libertaram recentemente da opressão, do colonialismo, e do imperialismo, sauda e manifesta a sua solidariedade de combate para com os povos que vivem e lutam nas condições difíceis do fascismo que o povo português conhece bem por uma experiência de quase meio século. O povo português está solidário com todos aqueles que lutam pelo desanuviamento da tensão internacional, pela cooperação internacional, pela paz no mundo.

O povo português tem legítimas razões para comemorar com alegria o primeiro ano de liberdade e de paz. Os trabalhadores têm legítimas razões para neste novo 1.º de Maio lembrarem que seis dias depois do 25 de Abril o 1.º de Maio de 1974 comprovou a grandeza e o vigor da luta da classe operária e das massas trabalhadoras e a dinâmica popular complementar da dinâmica do movimento militar.

O 1.º de Maio de 1974 constituiu uma grandiosa afirmação de que a aliança Povo-MFA é a força motriz da revolução portuguesa. O 1.º de Maio de 1975 confirmará o papel da classe operária e das massas trabalhadoras na construção de um Portugal democrático e caminho do socialismo.

II

As transformações económicas e sociais iniciadas com a nacionalização da banca, dos seguros, da electricidade, dos petróleos, da siderurgia, de quatro grandes empresas de transportes e as primeiras medidas de Reforma Agrária tornaram-se possíveis pelo reforço da aliança Povo-MFA e a sucessiva derrota pela acção das massas populares e dos militares progressistas de todas as tentativas da reacção para destruir as liberdades políticas e a situação democrática existente.

As históricas medidas decretadas pelo Conselho da Revolução e pelo quarto Governo Provisório, a partir do 11 de Março, marcam o início da liquidação do poder dos monopólios e dos latifundiários, abrem passagem ao aprofundamento da democracia, da democracia política para uma democracia política, económica e social, uma democracia e caminho do socialismo.

III

A consolidação das liberdades políticas e as transformações económicas e sociais em curso são a condição para a estabilização e desenvolvimento da economia e a base segura para o melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras e do povo em geral. Mas há que dar resposta no imediato às questões mais agudas que afectam a vida trabalhadora e do povo através da actualização do salário mínimo nacional e de outros salários mais baixos, da aplicação urgente das disposições recentemente aprovadas sobre o desemprego, de uma mais enérgica política de habitação.

A possibilidade de melhorar rapidamente as condições de vida das massas populares será forçosamente limitada pela grave situação em que os monopólios e latifundiários deixaram a economia nacional e pelas dificuldades que a sabotagem económica está criando.

A transformação revolucionária da economia portuguesa não se fará apenas pelas disposições de cima, governamentais, de nacionalização e Reforma Agrária. São as massas trabalhadoras quem, pela sua acção e pela sua luta, decidirão o sucesso ou insucesso destas disposições. São as massas trabalhadoras que, pela sua intervenção maciça, combativa e criadora, poderão transformar uma economia atrasada, dominada pelos monopólios, baseada na exploração, numa economia florescente, libertada do parasitismo monopolista, onde a exploração vá sendo eliminada, para servir o povo e o País.

Tal é uma das principais tarefas revolucionárias que se coloca à classe operária e aos trabalhadores portugueses ao chegar o 1.º de Maio de 1975. A sua realização passa pela instauração do controlo dos trabalhadores nas empresas nacionalizadas, pela sua intervenção nas diferentes fases do processo produtivo, pelo aumento da produtividade e da produção.

IV

As recentes eleições para a Assembleia Constituinte demonstraram que o povo português dá o seu apoio à orientação contida no pacto proposto pelo MFA e subscrito pelos partidos, dá o seu apoio ao processo revolucionário em curso, às transformações económicas e sociais ultimamente decididas, à linha de reconstrução da economia por uma via socialista, apontada pelo MFA.

Dar aplicação rápida às medidas de nacionalização e da Reforma Agrária, nacionalizar outros sectores-chaves da economia nacional, consolidar e prosseguir a revolução é a forma de corresponder à vontade do povo demonstrada nas eleições.

O Partido Comunista Português sublinha que a reacção embora esteja batida não está derrotada. É necessário manter a vigilância popular e reforçar a capacidade de pronta resposta a qualquer nova tentativa contra-revolucionária.

O Partido Comunista Português aponta aos trabalhadores e a todo o povo, como primeira tarefa da hora presente, a construção de um regime democrático e caminho do socialismo.

Assinalemos o 1.º de Maio com grandes acções e movimentações de massas populares (manifestações, desfiles e festas):

Pela unidade da classe operária e dos trabalhadores!

Pela unidade das forças democráticas!

Pela aliança Povo-MFA!

Pela consolidação e reforço do processo revolucionário!

VIVA O 1.º DE MAIO!

27 de Abril de 1975.

OPERÁRIOS E CAMPONES UNIDOS NA LUTA CONTRA O CAPITAL

TRABALHADORES portugueses, filhos da classe operária de Portugal, as nossas vozes vibram hoje em uníssono com as dos proletários de todos os países num VIVA A CLASSE OPERÁRIA INTERNACIONAL, VIVA O 1.º DE MAIO DE 1975!

Hoje, nas grandes demonstrações do Dia Internacional do Trabalho, por sobre as diferenças de opinião e credos políticos ou religiosos, prevalecerá entre os trabalhadores da cidade e do campo de todos os países a sua única condição de trabalhadores.

Situações políticas e sociais diferentes determinarão compreensivelmente a forma e o conteúdo das comemorações do 1.º de Maio nas mais diversas latitudes. Lá onde terminou para sempre a exploração do homem pelo homem e onde o Socialismo implantou firmemente as suas bandeiras, os trabalhadores saudarão os êxitos do trabalho criador e da edificação de uma vida social nova na qual começam já a ser realidade as aspirações mais queridas da Humanidade. Lá onde os povos quebraram para sempre as algemas do imperialismo e do colonialismo novos horizontes de liberdade se resserão na sua frente para destinos promissores.

Na terra mártir do Vietnam e do Camboja calou-se em definitivo a voz dos canhões e a última a fazer-se ouvir foi a das armas vitoriosas dos heróicos patriotas do Vietnam do Sul. Ontem de madrugada, véspera deste glorioso 1.º de Maio de 1975, o povo trabalhador vietnamês, com a derrota da clique traidora de Thieu & C., conseguiu libertar-se para sempre da tutela imperialista e obter enfim o termo da guerra e o triunfo da paz. A sua vitória numa luta tão difícil e heróica enche de alegria todos os trabalhadores e homens progressistas de Portugal.

Também na República de Guiné-Bissau e em Moçambique e Angola — nessa, embora, sob nova ameaça do imperialismo e do neocolonialismo — uma outra vida desponha depois de 500 anos de opressão colonial. Sob o signo da luta libertadora vitoriosa dos seus povos e da Revolução de Abril em Portugal, laços fraternos de amizade e cooperação pacífica nascerão e ganham consistência entre os nossos povos na luta comum pela liberdade e a independência nacional dos nossos respectivos países. O internacionalismo proletário, de que o 1.º de Maio é a manifestação mais expressiva, tem agora nas relações entre os povos português e das ex-colônias uma feição nova. Lá onde o capital monopolista e os grandes senhores da terra mantêm o seu poder, o 1.º de Maio terá de ser uma ampla jornada de luta multiforme contra a exploração capitalista em defesa das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores. Num mundo capitalista sacudido por uma das suas crises mais profundas e face a um mundo socialista que promoveu já a nível nunca antes atingidos o bem-estar das massas populares, os trabalhadores farão o processo do domínio de classe da grande burguesia sobre os seus países e tirarão daí as suas conclusões políticas.

Para a classe operária portuguesa as comemorações deste 1.º de Maio inserem-se na luta popular pela consolidação das liberdades conquistadas, pelo desenvolvimento do processo revolucionário, pelo socialismo.

E se o dia 4 de Maio de 1974 significou a apoteose do 25 de Abril e a mais importante manifestação de massas registada em Portugal, numa afirmação poderosa de unidade e querer para a construção de um país verdadeiramente democrático, independente e livre, o 1.º de Maio de 1975 constituirá potente demonstração de uma nova consciência de classe e capacidade revolucionária dos trabalhadores da cidade e do campo para levar a cabo até às suas últimas consequências as tarefas actuais da revolução democrática portuguesa.

Portugal está no limiar de uma nova etapa da sua vida nacional como país historicamente constituído.

As medidas promulgadas depois do 11 de Março pelo Conselho da Revolução e pelo Governo Provisional correspondem aos avanços das forças democráticas em Portugal e ao amadurecimento político do operariado industrial e agrícola, e mesmo de muitos pequenos e médios agricultores, como sectores mais consequentes da população portuguesa, os mais interessados em reformas sociais profundas.

Correspondem também a uma crescente capacitação da componente militar do processo revolucionário português — o MFA — quanto à autoridade e ao papel dos

militares democratas e revolucionários nas transformações sociais e políticas do País.

Mas tais medidas exigem por sua vez um novo salto de consciência dos trabalhadores, um salto que se traduz em prática revolucionária imediata como condição imprescindível para uma participação cada vez mais activa e dirigente nesse processo transformativo.

Com as nacionalizações já feitas e outras a levar a cabo e com a promulgação de uma Reforma Agrária que expropria os grandes senhores do latifúndio de largas parcelas de terra, até agora subtraídas à utilização pública, inicia-se uma fase transitória de colectivização dos sectores básicos da economia nacional sem a qual é impossível pensar em resolver problemas intrincados e imediatos do País e ainda menos preparar as condições essenciais para a passagem a novas formas, socialistas, de produção e distribuição das riquezas.

A transição para o socialismo — que implica levar até ao fim as tarefas de uma revolução democrática socialmente dirigida pela classe operária e politicamente conduzida pelas vanguardas das duas componentes motoras do processo revolucionário — exige dos trabalhadores uma rápida tomada de consciência para essa participação dirigente.

Participação dos trabalhadores em todo o processo produtivo numa direcção compartida pelo Estado nos sectores nacionalizados; crescente democratização do aparelho de Estado pelo desalojamento dos inimigos do processo e dos burocratas empêznados dos pontos-chave de direcção estatal da economia nesta fase transitória, necessariamente orientada para a liquidação dos monopólios.

As eleições de 25 de Abril e os seus resultados mais vieram acentuar as exigências dessa rápida tomada de consciência da classe operária.

O «pacto» entre o MFA e os partidos políticos que retardou as eleições até que não fosse assinado, pelo menos pelos partidos da coligação governamental, estabeleceu claramente o condicionalismo do acto eleitoral e o seu significado real no processo revolucionário.

Ficou claramente estabelecido que:

1.º — As eleições se destinavam exclusivamente a uma Assembleia Constituinte que deverá elaborar e aprovar uma Constituição, válida para um prazo limitado;

2.º — As linhas gerais da Constituição serão definidas previamente entre o MFA e os partidos da coligação que assinarem o «pacto»; a Constituição deverá sancionar as conquistas revolucionárias a partir do 25 de Abril e deverá ser igualmente submetida à aprovação da Assembleia do MFA e do Conselho da Revolução; finalmente

3.º — O resultado das eleições não altera o processo revolucionário rumo ao socialismo nem a composição política dos órgãos do Poder, nomeadamente o Governo Provisional.

E um facto perturbador verificar a conduta do partido que maior votação obteve nas eleições, nos dias que se têm seguido ao acto eleitoral.

O Partido Socialista comete um grave erro de cálculo se atribui à sua força e influência reais no eleitorado os números substanciais que o fizeram eleger 116 deputados para a Assembleia Constituinte. Qualquer português medianamente informado sabe que o voto socialista de muitos milhares de eleitores só por uma questão de fonética tem a ver com o Partido Socialista.

Noutro lugar o dizemos a opção socialista do MFA foi tomada por muitos eleitores menos esclarecidos como uma opção no Partido Socialista — o que é, como todos sabemos, uma interpretação sem fundamento.

Para os eleitores menos esclarecidos — e o breve inquérito da RTP mostra, com evidência, o grande esclarecimento de uma grande massa de eleitores — o Partido Comunista queria impor o «Comunismo» ao passo que o Partido Socialista é que tinha o monopólio do «socialismo». O PS sabe que isto não é verdade e no entanto cultivou, à larga, este primarismo de muitos e muitos filhos do nosso povo ontem mentidos na ignorância pelo regime fascista, hoje manipulados por caciques ao serviço da reacção mais obscurantista.

O PS sabe muito bem aquilo que milhares de portugueses e portuguesas não sabiam, no dia das eleições, é que o Partido Comunista inscreve no seu programa a sua bandeira de luta, o Socialismo, como primeira etapa de uma sociedade nova que caminharia histórica e irreversivelmente para o Comunismo. Mesmo os socialistas, a passagem à fase comunista não era na ordem do dia. Mesmo na União Soviética, 57 anos depois da Grande Revolução Socialista de Outubro, só começam a alargar-se as bases técnicas, científicas e culturais para passar à sociedade comunista.

O PS sabe muito bem, igualmente, que há uma concepção diametralmente oposta entre o seu socialismo e aquele que constitui a opção do MFA e mais tarde se aponta no programa do PCP.

E este é um outro facto perturbador: que esse socialismo preconiza o PS para Portugal? Com que pensa o PS aliá-lo-se para edificar o seu socialismo?

Ou, melhor ainda, que espécie de revolução política defende o PS, que classe aponta para a sua revolução?

Como se pode interpretar a nova guinada esquista dos dirigentes do PS e a sua arrogância em relação aos comunistas portugueses?

Numa clara alusão à política do PCP, defendida pelo secretário-geral do PS, dr. Mário Soares, disse à *Stampa* que era contra todas as ideias «mesmo a do proletariado». Há nisto, uma linha clara quando se vê o namoro dos dirigentes do PPD e até mesmo a sua aliança com a ADC, que partidária da ditadura do proletariado, mas para esconder a sua cara de divisionista (frustrado) da operária ao serviço da reacção ou a «tocantes» que fazem do MRPP que se define, claramente, como o processo revolucionário do MFA, com quem o PS nou o «pacto».

No entrevista ao jornal *A Capital*, de 28 de Abril, o dr. Mário Soares, que se entretive a atacar o PCP, ao referir a sua concepção de socialismo, não quer expor o País «a grandes riscos e aventuras que afectem o viver concreto de todos os portugueses».

Todos? Mesmo os que nascidos em Portugal fizeram fortunas enormes à custa da exploração nefanda dos trabalhadores portugueses?

Na referida entrevista faz a certa altura o secretário-geral do PS, uma defesa cerrada da Aliança Aliada. «*Stampa*» disse que o resultado das eleições poderá vir para superar a situação difícil do diálogo europeu.

Não quererá isto dizer que os dirigentes do PS preparem para tentar impor a Portugal uma democracia burguesa, um «socialismo social-democrata», ou à prática o tal «compromisso histórico» com os maiores para que estes continuem a explorar, com liberdade, os trabalhadores portugueses?

São problemas como este, de natureza ideológica, que hoje, 1.º de Maio de 1975, se colocam à classe operária e a todos os trabalhadores portugueses.

Pensamos que todos os que têm participado na política, em Portugal, estão hoje em condições de querer o «socialismo em liberdade», preconizado pelo PS — que é na sua essência anticomunismo e antissemitismo dos mais grosseiros — não é o mesmo preceito pelo MFA, como o dr. Mário Soares procura querer. E uma questão que aos «capitães» do 25 de Abril deve deslindar.

Não será, com certeza, o «socialismo em liberdade», ex-general Spínola, que tinha, como se sabe, uma importante comunicação a fazer ao País, pela rádio, talvez a ser lida por uma voz de intonação mais justa.

Hoje, os trabalhadores portugueses afirmam suas a força da sua unidade, a sua determinação de levar até ao fim o actual processo revolucionário e de defender como garantia, mais séria do avanço da democracia em Portugal, a aliança Povo-MFA.

A presença de destacados dirigentes do MFA na manifestação grandiosa deste 1.º de Maio de 1975, entre os trabalhadores, indica que as verdadeiras forças da Revolução em Portugal, continuam empenhadas em diante o processo revolucionário contra as forças dentro e fora do País que querem entravar a sua marcha.

1.º de Maio



AS ORIGENS E O SIGNIFICADO DA COMEMORAÇÃO DO 1.º DE MAIO

Primerio de Maio. Uma banheira de combate, a lembrança de heróicas jornadas de luta, a recordação de massas da classe operária, uma vez a confiança num amanhã socialista, a data simbólica da fraternidade que todos os trabalhadores de todo o mundo. O 1.º de Maio foi e é isso. É muito mais. É passado, presente e futuro. É certeza de uma sociedade com exploradores nem explorados, a certeza da vitória final dos trabalhadores, a certeza de que o capitalismo será irremediavelmente destruído, a certeza de que as massas trabalhadoras, unidas, são invencíveis.

Os senhores do capital não conseguiram abafar o grito histórico de Karl Marx: «Proletários de todos os países, uní-vos!». A reacção derramou desde então o sangue de milhões de trabalhadores, explorados até à morte bilhões de operários e camponeses, mas não conseguiram conter os exercitos proletários. Unidos, os trabalhadores ampliaram as suas conquistas democráticas e revolucionárias, avançaram passo a passo, ano após ano, dia após dia. Com a segurança dos fortes. Na longa duração da história, a frente do capital mostrou-se incapaz de deter a ofensiva desencadeada pela compacta muralha de peito construída pelos peitos dos trabalhadores de todas as nacionalidades, espalhados nos quatro cantos do Mundo.

O 1.º de Maio nasceu, como data simbólica, de uma vitória da classe operária que a reacção, arrogante e interpretada como derrota, Nasceu no maior baluarte do capitalismo e do imperialismo: os Estados Unidos. Nas últimas décadas do século XIX a luta pela jornada das oito horas de trabalho assumiu já grande amplitude nas sociedades capitalistas, mas avançadas da Europa. Mas foi a Federação Americana do Trabalho quem, em 1886, no Congresso de Saint-Louis, decretou pela primeira vez uma greve geral do 1.º de Maio, ligando a exigência das oito horas de trabalho. Um ano depois, o Conselho Nacional da Federação das Sociedades Operárias apresentou um congresso marxista, em Paris, uma proposta para «que todos os países e em todas as potências se organize, num determinado dia, uma grande manifestação internacional dos trabalhadores, a fim de reivindicar dos poderes públicos o estabelecimento do dia normal de oito horas de trabalho, e todas as demais reivindicações que o congresso formular». A escolha da data do 1.º de Maio, bandeira das trabalhadoras americanas, nascceu a aprovação unânime.

Nunca mais, desde esse ano, o 1.º de Maio deixou de ser uma jornada internacional de luta e glória para os trabalhadores. Em Portugal foi comemorada pela primeira vez em 1890. Desde então, a voz e a força do proletariado ganharam uma dimensão universal, fazendo estremecer os alicerces do capitalismo. Na Europa, a grande burguesia

adoptou posições flexíveis, recorreu à demagogia, alternou a repressão com recuos, procurou transformar derrotas em concessões. A maioria dos governos reactionários da época, não podendo impedir o 1.º de Maio esforçou-se por lhe mudar o carácter, tentou apresentá-lo como uma jornada apenas humanitária, simulando-lhe a sua adesão. Na Alemanha monárquica e com vestígios feudais, o Kaiser Guilherme II, precedendo moderados pescadores de águas turvas, colocou uma máscara democrática, declarando-se «socialista».

Mas a conquista definitiva da jornada de oito horas custaria aos trabalhadores muito sangue, muito heroísmo. Por ela se bateram ainda milhões de operários e camponeses. Por ela cairam em Portugal, durante o fascismo, muitos filhos do povo, muitos militantes comunistas.

O ódio ao 1.º de Maio por parte dos inimigos dos trabalhadores passou a ser uma constante. Nos Estados Unidos, berço da data simbólica, o 1.º de Maio acabou por ser abolido do calendário como festa nacional. Não é feriado. As grandiosas manifestações do proletariado apavoraram os governantes e os grandes empresários americanos. A chacina dos trabalhadores de Chicago, em 1891, ficou a assinalar o terror da reacção e a natureza antidemocrática e repressiva de um regime que não mudaria, no essencial, até

hoje, e pretende apresentar-se como modelo de democracia, embora os seus alicerces assentem na exploração dos trabalhadores americanos e também na exploração de centenas de milhões de trabalhadores de outros países. A pátria do 1.º de Maio converteu-se na maior fortaleza do capitalismo, no baluarte do imperialismo.

Mas todo o poder do imperialismo, toda a violência da exploração capitalista, todos os massacres de Chicago, repetidos no tempo, perpetuados na interminável série de crimes cometidos mais tarde na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, na Espanha de Franco, no Portugal de Salazar, e em dezenas de outros países, não detiveram os ponteiros da história. Foram impotentes contra a força e a unidade dos trabalhadores, na sua marcha para a democracia, para o socialismo, para a liberdade.

A primeira cidadela do capitalismo russo em 1917, sob os golpes do proletariado russo, durante a Grande Revolução Socialista de Outubro. Hoje um terço da Humanidade está livre da exploração capitalista e pode, orgulhosamente, festejar neste 1.º de Maio de 1975 as imensas conquistas do socialismo. As portas dos Estados Unidos, em Havana, na Plaza de la Revolución, o povo cubano reunir-se-á mais uma vez, em clara demonstração de que até na América Latina imperializada, é uma festa proletária internacionalista.

A mesma fé revolucionária, o mesmo sentimento de solidariedade, a mesma confiança no futuro pulsarão nos peitos, de centenas de milhões de trabalhadores, da Praça Vermelha de Moscovo ao Estádio 1.º de Maio em Portugal, da Santiago martirizada a Phnom Penh, que acaba de reconquistar a liberdade. O 1.º de Maio não tem nacionalidade. É uma festa proletária internacionalista.



Foi difícil a vitória do povo vietnamita. A partir de agora não mais se repetirão as sanguinárias cenas de guerra. Os esforços vietnamitas agora para a construção do futuro para que o povo de todo o Vietname possa enfim viver livre e independente e construir o seu destino, como acentuava a saudação que o nosso Partido enviou ao Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietname, assinalando a histórica data

VITÓRIA DO VIETNAME VITÓRIA DA HUMANIDADE



FESTA E DESAFIO

O povo trabalhador celebrará hoje com entusiasmo confrontante o seu segundo 1.º de Maio em liberdade. Comemorará as derrotas infligidas à reacção no 28 de Setembro no 11 de Março. Comemorará as grandes conquistas revolucionárias da descolonização, da nacionalização da banca e das companhias de seguros, de grandes empresas monopolistas e a sua certeza na concretização da Reforma Agrária.

As duas componentes confraternizarão nas ruas. Os trabalhadores das Forças Armadas e os trabalhadores das fábricas, dos campos e da função pública, o povo trabalhador, fardado e o povo sem farda, manifestarão com palavras, sorrisos, abraços, cravos e bandeiras a sua alegria por tudo o que fizem com as suas próprias mãos. Os trabalhadores, civis e uniformizados, destruirão o fascismo, estão a construir uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

Mas a festa será também desafio. É indispensável que o seja. E sé-lo-á. A reacção, batida em dezenas de confrontos, não foi esmagada. O povo tem consciência dessa realidade. Os monopolios, cuja morte foi prematuramente anunciada pelo Partido Socialista, continuam a explorar os trabalhadores. A Reforma Agrária somente iniciou os primeiros passos. Os latifundiários retomaram nos últimos dias a sua arrogância, animados por falsas análises dos resultados eleitorais. O capitalismo, ao contrário do que afirmam certos dirigentes políticos burgueses partidários de soluções de confronto.

O 1.º de Maio será uma grandiosa festa. Mas será também uma demonstração do espírito revolucionário que empolga o movimento popular de massas e o MFA. Será igualmente um desafio à reacção.

A vitória é difícil, mas é nossa!

O povo do Vietname venceu. Com a rendição incondicional do último governo fantoché de Saigon às forças do Governo Revolucionário Provisional do Vietname do Sul terminou o último acto de uma guerra que, sendo a mais monstruosa, foi também a mais heróica de quantas se sucederam no mundo nos últimos trinta anos. Foi uma vitória difícil a do povo do Vietname, uma das mais caras que poucos algures alcançaram. Durante décadas, a França, primeiro, e os Estados Unidos, depois, tiveram impedir que o povo vietnamita construísse em liberdade o seu próprio futuro. Sobre as cidades e os campos do Vietname foram lançadas mais bombas do que o total que explodiu sobre a Europa 'Inferno' durante a última guerra mundial. Somente os Estados Unidos gastaram mais de 5 bilhões de contos nos últimos doze anos na tentativa de perpetuar a opressão colonial sobre o povo vietnamita. Mas os seus exercitos, a sua marinha, a sua força aérea, os seus dólares não bastaram para quebrar o indomável espírito de resistência de pátria de Ho Chi Minh. Quemaram as florestas, envenenaram os arroios e os rios, cegaram e mutilaram centenas de milhares de trabalhadores, encarceraram milhões em «almadeiros estratégicos», mataram mais de um milhão de vietnamitas. Mas o colonialismo e o imperialismo foram derrotados. Um pequeno e pobre povo demonstrou ao longo de uma época incomparável que a sua vontade de independência, de paz e de progresso podia ser mais forte que o dinheiro, as armas e o poder de corrupção do maior capitalismo do mundo. O imperialismo foi derrotado no Vietname, foi posto de joelhos.

O Vietname é uma grande lição para a Humanidade. É uma grande lição para todos os povos que lutam, em condições menos desfavoráveis, pelos mesmos objectivos, pelos quais se bateram até à vitória final a República Democrática do Vietname e a Frente Nacional de Libertação e o Governo Provisional do Vietname do Sul. Em outros continentes o imperialismo alcançou êxitos ocasionais, criando situações que não conseguiram reproduzir no Vietname. Na terra Ho Chi Minh soube uma série ininterrupta de derrotas. A unidade e a vontade revolucionária do povo ganharam todas as batalhas.

O Vietnam festeja agora a vitória difícil, mas que nunca ofereceu dividas, sobre o imperialismo e as forças contra-revolucionárias internas que fizeram o seu jogo.

O Portugal democrático e revolucionário associa-se calorosamente ao júbilo da heróica nação. A vitória do povo, dos trabalhadores vietnamitas é também uma vitória do povo e dos trabalhadores portugueses.

Para nós, comunistas, a rendição dos fantoches de Saigon não é uma surpresa. A nossa confiança no desfecho da guerra patriótica da nação vietnamita foi sempre inabalável e manifestou-se ao longo dos anos. Durante o fascismo, o PCP, desafiando o aparelho de repressão,

promoveu incontáveis manifestações de solidariedade ao Vietname e reforçou os laços fraternos que sempre o ligaram ao partido do camarada Ho Chi Minh e à Frente de Libertação Nacional e ao GRPVS.

Em Julho de 1973, uma delegação do CC do nosso Partido, constituída pelos camaradas Blaqui Teixeira e Jaime Serra, visitou a República Democrática do Vietname, levando consigo a solidariedade de todos os militantes comunistas e dos trabalhadores portugueses.

Para nós, comunistas, a rendição dos fantoches de Saigon não é uma surpresa. A nossa confiança no desfecho da guerra patriótica da nação vietnamita foi sempre inabalável e manifestou-se ao longo dos anos. Durante o fascismo, o PCP, desafiando o aparelho de repressão,

periodismo possa decidir livremente o seu destino.

Para assinalar a histórica data, o Comité Central do PCP enviou ao CC do Partido dos Trabalhadores do Vietname a seguinte mensagem:

Queridos Camaradas:
Calorosas saudações fraternas dos comunistas portugueses aos comunistas e a todo o povo do Vietname heróico pela histórica vitória da libertação total da vossa pátria. Vossa luta e vitória são exemplar e contribuição preciosa para luta todos os trabalhadores e povos do mundo.

Que o povo de todo o Vietname possa enfim viver livre e independente e construir em paz o seu destino.

Que o socialismo floresça na terra vietnamita.

Que se reforcem e ampliem os laços fraternos entre os nossos partidos e povos.

Simultaneamente o CC do nosso Partido enviou ao CC da Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul a mensagem que abaixo publicamos:

Queridos Camaradas:

Comunistas portugueses saudam calorosamente histórica vitória final vossa heróica luta pela libertação do Vietname do Sul do domínio e opressão criminosas do imperialismo a seus locais.

Que o povo do Vietname possa enfim decidir livre e independente o seu destino e reconstruir em paz a sua pátria devastada.

A vitória da vossa heróica luta é vitória para todos os povos do mundo.

MORREU JACQUES DUCLOS

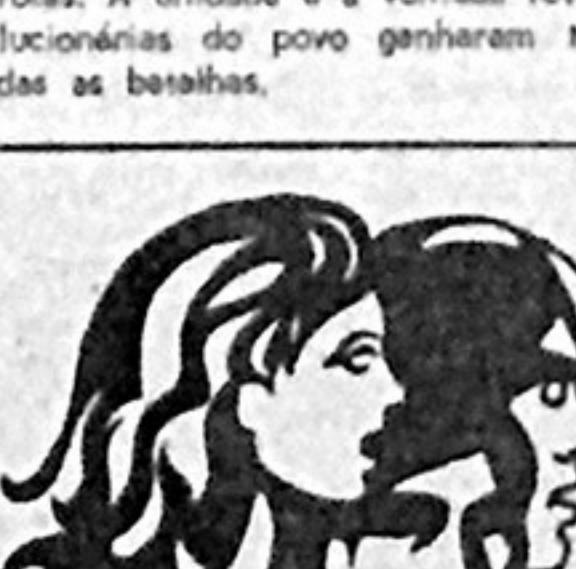
Jacques Duclos morreu. O camarada Jacques Duclos, dirigente do Partido Comunista Francês, foi das figuras mais destacadas e profundamente empenhadas em todos os processos de luta do povo francês desde a primeira guerra mundial. A sua vida está intimamente ligada à história da França nas últimas décadas, fundindo-se com os avanços e recuos na luta do povo francês. O seu nome e a sua figura estão presentes em todos os grandes acontecimentos que são patrimônio da história contemporânea de França.

Aprendiz de pasteleiro aos 12 anos, soldado na primeira grande guerra mundial, onde foi ferido e aprisionado pelos alemães, o camarada Jacques Duclos foi um dos fundadores do Partido Comunista Francês, tendo participado no Congresso de Tours. Em 1926 passou a fazer parte do Comité Central do Partido Irmão de França, tendo entrado, nesse mesmo ano, para o Parlamento.

Jacques Duclos, como dirigente do Partido Comunista Francês, foi uma das figuras centrais na denúncia da política de traição nacional praticada pelo governo de Vichy, que colaborou com o invasor alemão. Um governo traidor, que enquanto permitia a formação de milícias fascistas reprimiu cruelmente os militantes comunistas, ilegalizava o Partido Comunista Francês, entregava aos esbirros nazis os militantes comunistas e outros patriotas que detinha nas suas masmorras. Dentro de política tradicionalmente seguida pelas forças reactionárias, de impulsionar aos seus inimigos os seus próprios crimes, para justificar o agravamento da repressão, o governo traidor da França no final da segunda guerra mundial, acusava os comunistas de traição. A posição das forças de direita francesas, e da sua polícia, durante a guerra, levava o camarada Duclos a afirmar posteriormente que no ataque às forças patrióticas da resistência francesa aquelas se tinham distinguido mais ainda que as próprias hordas nazis, por melhor conhecimento das pessoas e da sua actuação.

Diretora da resistência em Paris contra o ocupante nazi, o camarada Duclos chefiou, durante anos, após a derrota dos nazis e a libertação da França, o grupo comunista na Assembleia Nacional e posteriormente no Senado. Foi candidato pelo PCF à presidência da República.

Em 1972, a União Soviética atribuiu a Duclos a Ordem de Lenin. No discurso então proferido, o camarada Nikolai Podgorny salientou que esta honra era conferida sem reconhecimento dos seus altos serviços como comunista veterano e comprovado pelo tempo, marxista-leninista consequente e internacionalista intragável, que ocupava um lugar destacado na luta do proletariado francês e no movimento comunista do mundo inteiro.



A VOZ DO PCP

Todas as 2.ª-feiras

às 22 horas

no Rádio Clube Português

O PCP FALA PARA TI

COLEÇÃO "RESISTÊNCIA"



CARTAS DA PRISÃO

(1) VIDA PRISIONAL

José Magro

HISTÓRIA DA LUTA CONTRA O TROTSMISMO

Sergui Dmitriev Yelóvdivanov

Cadernos Políticos, n.º 16

Preço: 30\$00

A ECOLOGIA NA ESCOLA

Jeanne Daubois

Técnicas de Educação, n.º 13

Preço: 50\$00

A FRAUDE SAKAROV SOLJENITSINE

Gos Hell

Cadernos Políticos, n.º 17

Preço: 30\$00

TEORIA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Pierre Neville

Teses, n.º 14

Preço: 120\$00

MANUAL DE FÍSICA ELEMENTAR — IV

L. Landau A. Kitaigorodski

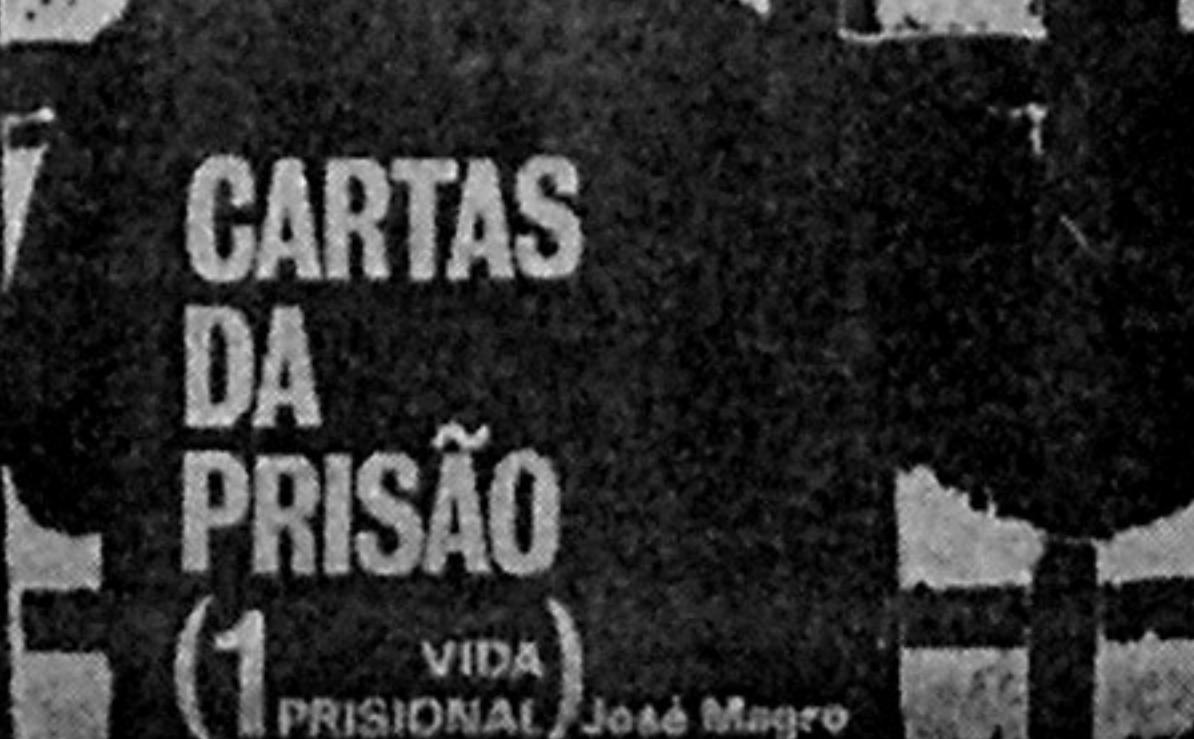
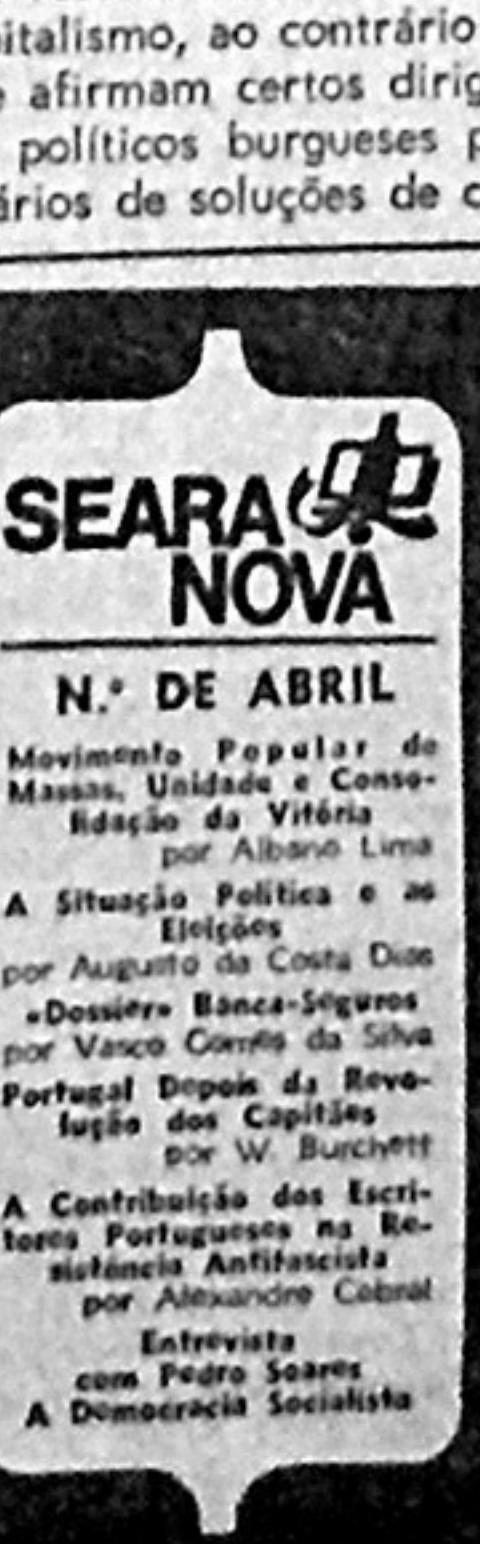
Biblioteca Estampa, n.º 11

Preço: 60\$00

EDITORIAL ESTAMPA

Rua da Escola do Exército, 9, 1.º/c., Dto.

Tel. 55 58 63 Lisboa-1



ASSINATURAS

TABELA DE PREÇOS - 50 NÚMEROS

DURANTE OS ANOS DA DITADURA FASCISTA

carro da PSP com alfitante berra: «É favor circular». O carro desloca-se em ondas do Rio para os Restauradores que aqui para ali.

As 18,20 horas de um prédio em pleno Rossio ouve-se uma graciosa que apela os trabalhadores a lutar contra os sacerdotes de fome e a carentia da vida, contra as guerras coloniais e o regresso dos soldados, contra o imperialismo e as bases militares estrangeiras, contra o terror e a opressão, contra a paz e pelo pão, pela liberdade e democracia, pela amizade.

A manifestação cresce do Rossio direita aos Restauradores. Ouvenem-se as palavras de ordem do Partido. Os carros da Polícia irrompem avançando contra a manifestação, cortando-a ao meio, e ardem barbaramente. Gente

e as palavras de ordem do Partido Comunista Português, os trabalhadores da cidade e do campo de norte a sul do país intensificaram por toda a parte as lutas reivindicativas, preparando assim a jornada do 1.º de Maio.

Fizeram da luta pelas suas reivindicações económicas o ponto de partida para acções e lutas políticas contra a ditadura fascista, contra a vida cara, contra a guerra colonial, contra a repressão e pela paz, pela liberdade e democracia, pela amizade.

A manifestação cresce do Rossio direita aos Restauradores. Ouvenem-se as palavras de ordem da GNR e da PSP a não prender os manifestantes.

A manifestação cresce do Rossio direita aos Restauradores. Ouvenem-se as palavras de ordem do Partido. Os carros da Polícia irrompem avançando contra a manifestação, cortando-a ao meio, e ardem barbaramente. Gente

apelou da Comissão Executiva do Comité Central:

Pela unidade de ação da classe operária, na luta pelo aumento de salários, contra a escassez de vida; pela amizade, contra a repressão, contra a guerra colonial; pelas liberdades democráticas, contra a ditadura fascista, contra a vida cara, contra a guerra colonial, contra o imperialismo, pela defesa da paz.

No dia seguinte, em 1969, nas vésperas do 1.º de Maio, dezenas e dezenas de milhares de operários das regiões de Lisboa, Margem-Sul do Tejo, Baixo e Alto Ribatejo, vinham a travar grandes lutas de classe, recorrendo a greves, paralisações, concentrações e outras formas de ação por aumento de salários e outras reivindicações.

Na região do Porto, milhares de trabalhadores movimentavam-se nas empresas,

O PCP chama os trabalhadores a comemorarem o seu dia lutando pelas reivindicações mais específicas: o Pão, a Liberdade, a Paz.

O liberalizante governo de Marcelo Caetano pôe então em pé de guerra todas as suas forças repressivas, incluindo a Polícia Militar e a Guarda Fiscal, para impedir as manifestações de massa. Particularmente em Lisboa e no Barreiro o aparato belicista é impressionante.

São feitas dezenas de prisões em ambas as manifestações.

Em Lisboa, não obstante o grande aparato repressivo, a suspensão das carreiras dos barcos cascais e outras medidas impeditivas, muitos milhares de trabalhadores e estudantes se concentraram na Baixa. Quando a manifestação procurou romper pacificamente, a Polícia de Choque e outras forças repressivas com capacetes de aço, matracas e metralhadoras, lançaram-se sobre os manifestantes espandindo indiscriminadamente homens e mulheres, velhos e novos. As violências policiais a multidão respondia com gritos de protesto: Assassinos! Assassinos! No Porto, cerca de 5000 pessoas manifestaram-se numa atitude pacífica, gritando: *Queremos Liberdade! Amizade! Avante! Trabalhadores!* Também ai os alzogas da PIDE e da PSP agrediram e procuraram prender alguns manifestantes.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais elementares liberdades cívicas e o ambiente repressivo e intimidativo criado pelo governo, o 1.º de Maio de 1969 foi uma importante jornada de luta e revestiu-se de um grande significado político.

Noutros locaisidades e empresas, os trabalhadores realizaram reuniões para discutir os seus problemas de classe e reforçarem a sua união.

Mau grado a inexistência das mais